

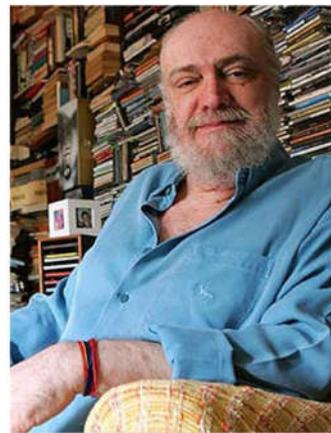
Dedicatória

Este minidossiê é dedicado, “com açúcar e com afeto”, a três artistas marcantes do cenário brasileiro que nos deixaram no primeiro semestre de 2020:

ALDIR BLANC foi/é, sem dúvida, um dos poetas maiores da produção musical *made in Brazil*. Antenado, entre outras coisas, com as tramas e os dramas do cotidiano e das classes populares, ele atingiu, nesse campo, um nível de criatividade que o coloca na prateleira ocupada por figuras ímpares como Chico Buarque. Médico, psiquiatra por formação, cedo trocou essa profissão pela de compositor. Nascido no Estácio de Sá, epicentro do novo samba urbano carioca, logo mudou para outro bairro da Zona Norte, a Vila Isabel, até se radicar, na mesma região, na Tijuca. Em suas parcerias conjugou dicções musicais distintas. A de maior repercussão resultou do casamento artístico com João Bosco¹, músico, violonista e cantor que, com traço pessoal inconfundível, processou os ensinamentos de João Gilberto ao violão e carregou consigo a tradição do samba, oxigenando-o e imprimindo um toque afro às suas *performances* vocais. Com Guinga, um violonista de sofisticação villa-lobiana, Aldir escreveu páginas memoráveis. Com Moacyr Luz, sambista da pesada, emplacou outras composições que remetiam ao ambiente da Zona Norte. E por aí foi ele amarrando seu arado nas estrelas.

MORAES MOREIRA, violonista, compositor e cantor baiano. Assumidamente “filho de João” [Gilberto], ele irrigou, plantou e colheu espécimes variadas que fecundaram a música popular brasileira. Seu momento maior se mostrou, com toda sua potência, em dose concentrada, no LP *Acabou chorare*, dos Novos Baianos.² Ao lado do seu parceiro por excelência, Luiz Galvão, e dos demais companheiros, como Pepeu Gomes, Moraes injetou nas veias da canção uma overdose de inventividade. Como quem não se torna refém de apenas um gênero musical, sua obra surfou por diferentes praias e muitas vezes se transformou em sinônimo de festa, escorrendo, alegremente, sobretudo por Salvador.

RUBENS BARSOTTI (RUBINHO), o exímio baterista que integrou, durante mais de quatro décadas, o legendário Zimbo Trio, composto ainda por Luiz Chaves, ao contrabaixo, e Hamilton Godoy, ao piano. Ele também borra-va as fronteiras musicais. Alinhou-se entre os bossa-novistas que incorporaram elementos tradicionais do samba e da gramática do jazz. Por isso mesmo, não vestia uniformes sonoros. Esteve em ação desde os anos 1950, quando trilhou caminhos diversificados, que definiram as rotas de um músico acima



Aldir Blanc, Moraes Moreira e Rubens Barsotti. Fotografias, 2020, montagem.

¹ Um dos seus primeiros rebentos foi o histórico *Caça à raposa*, João Bosco. LP RCA Victor, 1975.

² *Acabou chorare*, Novos Baianos. LP Som Livre, 1972.

da estreiteza de preconceitos. Em 1963, foi ele quem respondeu pela seção de bateria do LP *Projeção*³, que nos apresentou um octeto de alta estirpe capitaneado por Luiz Chaves, no qual se ouvia, como que numa *avant première*, o núcleo que daria à luz, em seguida, ao Zimbo Trio.

Lamentavelmente, choramos a perda de três feras da nossa música, duas delas feridas de morte pela Covid-19, da qual zomba, irresponsavelmente, o governo federal brasileiro, que, com seu negacionismo retrógrado, teima em escarnecer da ciência.

Sua bênção, Aldir, Moraes e Rubinho.

Adalberto Paranhos
Organizador do minidossiê

³ *Projeção*, Luiz Chaves e seu conjunto. LP RGE, 1963.